



Legitimidade restaurada?

América Latina
Após um ano
do golpe branco
no Paraguai, há
uma tendência de
neoligarquização
do Estado

Mathias Seibel Luce*

Transcorrido um ano do conflito de Curuguaty – confronto entre os sem-terra e a polícia que resultou em mortes e foi utilizado pela direita paraguaia para justificar a deposição de Fernando Lugo pelo Congresso, onde esta é maioria –, parecia que a crise política no Paraguai estaria solucionada. Segundo essa tese, as eleições de abril de 2013, ainda que marcadas pela volta à presidência de uma figura do Partido Colorado, organização identificada com a ditadura do general Alfredo Ströessner e com a prática sistemática de fraudes para perpetuar-se no poder, teriam o efeito de suturar as fissuras internas e externas, restaurando a legitimidade democrática através das urnas. O presidente deposto, Lugo, ex-bispo vinculado à Teologia da Libertação e líder da organização Frente Guasú, teria preservado algum espaço, conquistando uma cadeira no senado. E o Paraguai retornaria ao Mercosul depois de haver sido suspenso pelos demais sócios que estiveram em desacordo com o julgamento sem direito a defesa a que Lugo foi submetido. Assim pensa o presidente da OEA, José Miguel Insulza, que, nos dias seguintes ao golpe branco (ou impeachment, como preferiu entender), além de ter reconhecido o governo *de facto* de Federico Franco, se

apressara em afirmar que a legitimidade democrática se restabeleceria naturalmente “em dez meses”.

No entanto, a situação política do Paraguai é um problema mais complexo. A questão que precisa ser respondida são as causas que estão por trás da interrupção forçada do mandato de Lugo. E se essas mesmas causas continuam ou não sua marcha no Paraguai atual. Como entender, nesse sentido, a eleição de Horacio Cartes? Ex-dirigente e empresário do clube de futebol Libertad, Cartes não fez carreira na principal máquina eleitoral da oligarquia paraguaia, o Partido Colorado. Mas pertence às mesmas fileiras em que esse partido recruta seus dirigentes, a oligarquia paraguaia. Multimilionário, acionista de dezenas de empresas dos setores financeiro, tabacaleiro e agropecuário, Cartes filiou-se ao Partido Colorado em 2009, apadrinhado por um grupo interno que fundou a corrente *Movimiento Honor Colorado*, que conseguiu alterar os estatutos da Asociación Nacional Republicana (ANR, sigla pela qual é conhecido atualmente o Partido Colorado), permitindo que indivíduos com menos de dez anos de filiação pudessem postular-se à presidência. Segundo telegramas confidenciais vazados pelo Wikileaks, Cartes estaria sendo investigado pela DEA – a agência antidrogas dos EUA – por envolvimento em uma rede internacional de lavagem de dinheiro do narcotráfico. A despeito disso, como entender a simpatia e o apoio que porta-vozes do Departamento de Estado norte-americano não trataram de ocultar ao cumprimentarem Cartes por sua vitória no pleito?

Para os interesses predominantes entre a elite paraguaia e seus aliados externos, especialmente os EUA, a eleição de Cartes e a volta do Partido Colorado apresentam-se como a garantia mais segura da preservação de sua influência no país. Assim como outros países da

América Latina, o Paraguai caracteriza-se por uma concentração enorme da propriedade da terra. O fato de Lugo ter acenado com uma proposta de reforma agrária e permitido um contexto de menor repressão aos movimentos sociais que lutam pela desconcentração da propriedade da terra foi o suficiente para as elites de seu país orquestrarem um golpe para derrubá-lo, do mesmo modo que acontecera com Manuel Zelaya, anos antes, em Honduras. Ao contrário do que sugerem os estereótipos, o Paraguai não se reduz à condição de país em que reina a economia subterrânea do narcotráfico, do tráfico de armas e o contrabando de diferentes mercadorias, como centro de distribuição de réplicas não autorizadas de eletrônicos e outros produtos de grandes marcas famosas. O Paraguai de hoje também é uma economia que representa o posto de quarto maior produtor e terceiro maior exportador de soja do mundo. Isso faz com que, como escreveu Eric Nepomuceno, o país que chega às mãos de Cartes não seja o mesmo Paraguai de Ströessner, nem o Partido Colorado se resume à mesma máquina eleitoral e de cooptação e coação de funcionários públicos que sempre foi, embora o siga sendo. O Partido Colorado, assim como os demais partidos da elite paraguaia, são suporte de interesses como os do agrogócio local, em aliança com grandes transnacionais estadunidenses do ramo de sementes e venenos, como Monsanto e Cargill. E todos eles expressam o lado mais poderoso do choque de forças em curso no Paraguai nos últimos anos.

A expansão do cultivo de soja em larga escala sob o novo modelo exportador de especialização produtiva fez aumentarem aceleradamente as pressões sobre pequenos proprietários e engrossar o êxodo rural, em um processo onde a dissolução da agricultura camponesa e o aumento do contingente de sem-terra, de desempregados e de

trabalhadores informais nas cidades são duas faces da mesma moeda. Em um trabalho que chama a atenção pelo caráter de jornalismo investigativo cada vez mais raro na prática dos grandes veículos de comunicação (“Curuguaty, a matança que derrubou Lugo”), a repórter Natália Vianna, da Agência Pública, remontou os argumentos utilizados pela oposição de direita que defendeu a tese de impeachment. Vianna encontrou evidências da presença de franco-atiradores e o emprego de armas automáticas de uso exclusivo das forças armadas no confronto onde morreram seis policiais e 11 camponeses. As provas, porém, não constam do inquérito da comissão aberta controlada pelo Partido Colorado e, além disso, esse inquérito sugere que um grupo de camponeses, partidários de Lugo, teria emboscado os policiais. O que é contestado por diversas organizações de defesa dos direitos humanos. Dessa forma, há muitos elementos contratuais que apontam uma fragilidade comprometida do inquérito e, mais do que isso, que agentes políticos vinculados aos grandes proprietários e ao Partido Colorado estiveram preparando um incidente que acabou servindo de pretexto para a derrubada de Lugo.

A eleição de Cartes, que mobilizou grande soma de recursos e influentes apoios, representa nesse contexto uma reação à tentativa de enfrentar o problema que é a maior fonte de injustiça social e que ameaça dissolver a cultura camponesa e guarani dos paraguaios: a grande propriedade rural monoprodutora de soja. Quanto ao Partido Colorado, sua estrutura política se manteve articulada a despeito de ter ficado fora da presidência nos últimos cinco anos. Além de derrotar, para a cadeira presidencial, o candidato da chapa do Partido Liberal Radical Auténtico (PLRA), de Federico Franco (o vice de Lugo que passara para a oposição durante seu mandato, parti-

cipando do golpe branco manobrado no Congresso), venceu em 12 dos 17 departamentos (estados) paraguaios, sendo que ainda mantém maioria no Senado (19 dos 45 senadores) e maioria absoluta na Câmara de Deputados (44 dos 80 deputados). Alguns analistas consideram a possibilidade de um retorno à situação prévia, quando o Partido Colorado controlava o Estado paraguaio em uma espécie de monolitismo político.

A derrota infligida à esquerda paraguaia e sua Frente Guasú, de Lugo, e a morte, por outro lado, do general Lino Oviedo, fundador e dirigente da agremiação de direita UNACE (uma dissidência do Partido Colorado que poderia lhe fazer sombra), criaram uma correlação de forças ainda mais favorável ao retorno da ANR como principal expressão dos grupos conservadores, como sempre foi na história contemporânea do Paraguai. É essa condição que o governo de Cartes tentará consolidar internamente. E no contexto latino-americano, o ingresso do Paraguai como observador no recém-criado bloco econômico e geopolítico integrado por governos pró-estadunidenses da região – a Aliança do Pacífico, composta pelo México de Peña Nieto, a Colômbia de Juan Manuel Santos, o Chile de Sebastián Piñera e o Peru de Humala (este último tendo apresentado uma guinada pró-EUA em seu governo) – é a prova de que a reação conservadora no Paraguai coaduna-se com uma tendência de neoligarquização do Estado que, longe de ser fato exclusivo da situação interna do Paraguai, é uma tendência continental e que exige a atenção dos analistas críticos, sobretudo se estamos preocupados com a necessidade de transformações sociais profundas nos países latino-americanos e com projetos de integração que beneficiem os povos.

*Professor do Departamento de História da UFRGS



A eleição de Horacio Cartes e a volta do Partido Colorado apresentam-se como garantia da preservação do poder da elite paraguaia